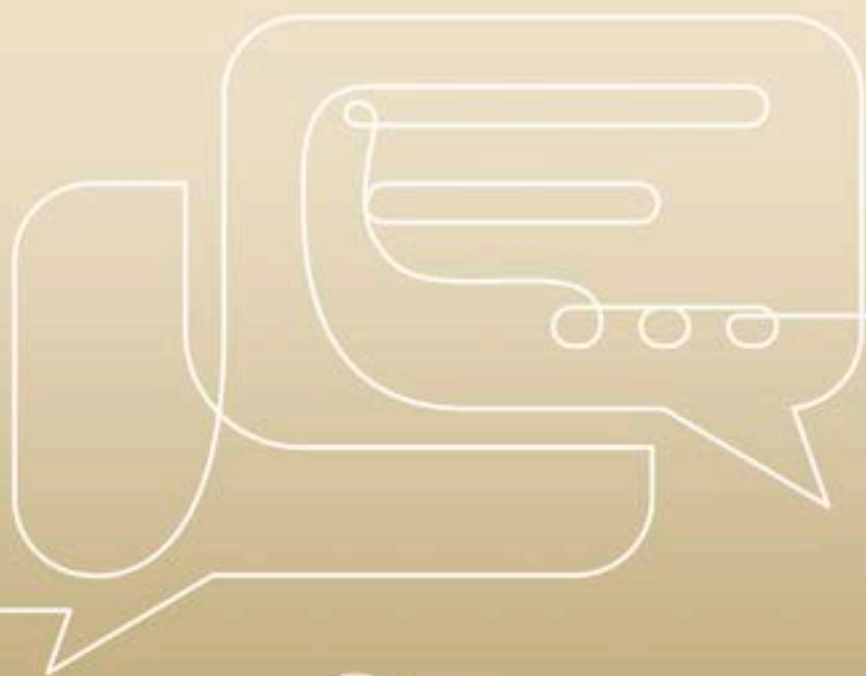


REFLEXÕES SOBRE OS  
**ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
NA CONTEMPORANEIDADE

---

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
(Organizador)



**REFLEXÕES SOBRE OS  
ESTUDOS DA LINGUAGEM  
NA CONTEMPORANEIDADE**

---

**ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS**  
(Organizador)



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



## Reflexões sobre os estudos da linguagem na contemporaneidade

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre os estudos da linguagem na contemporaneidade / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0577-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.771221708>

1. Linguagem. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 418.007

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editores  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Em **REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE**, coletânea de cinco capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área de Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, reflexões que explicitam essas interações. Nelas estão debates que circundam literatura, escrita de ou em exílio, termos oracionais, arquétipos conceptuais, tuítes, iconicidade, variações linguísticas e libras.






Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
LITERATURA CLARICEANA EM APROXIMAÇÃO À LITERATURA SCLARIANA: O IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO DE UMA ESCRITA DE (OU EM) EXÍLIO	
Lemuel de Faria Diniz	
Marta Francisco de Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217081">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217081</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
TERMOS ORACIONAIS E ARQUÉTIPOS CONCEPTUAIS: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DE CONCEITOS DAS GRAMÁTICAS NORMATIVA, DESCRITIVA E COGNITIVISTA	
Daniel Felix da Costa Júnior	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217082">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217082</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
O MAL-ENTENDIDO EM TUÍTES: BREVES REFLEXÕES	
Débora Cristina Longo Andrade	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217083">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217083</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
ICONICIDADE NOS SIGNOS MULTIMODAIS DAS HQS	
Darcilia Marindir Pinto Simões	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217084">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217084</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>51</b>
ANÁLISE DE VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS NA LIBRAS	
Myrna Salerno Monteiro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217085">https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217085</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>63</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>64</b>

## O MAL-ENTENDIDO EM TUÍTES: BREVES REFLEXÕES

*Data de aceite: 01/08/2022*

*Data de submissão: 07/06/2022*

**Débora Cristina Longo Andrade**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
São Paulo, SP

<http://lattes.cnpq.br/1649814261787989>

**RESUMO:** Neste trabalho, propusemo-nos a investigar o fenômeno do mal-entendido em interações na rede social digital *Twitter*. Para tanto, iremos verificar o mecanismo de organização das sequências discursivas em que ocorre o mal-entendido, especificar suas causas, como também descrever os processos interacionais que procuram resolvê-lo. Para a análise, selecionamos segmentos conversacionais constituídos por tuítes. Os tuítes serão analisados com base em estudos realizados nos campos da Análise da Conversação e Linguística Interacional. Em nossa análise, verificamos que os segmentos expõem o mesmo padrão estrutural que se revela nas conversações face a face, isto é, o mal-entendido se manifesta predominantemente no intervalo entre o turno de origem e o turno de reparo do problema. Quanto às causas que o desencadeiam, observamos que elas envolvem, em especial, aspectos semântico-lexicais. Constatamos, ainda, que os parceiros comunicativos tendem a adotar procedimentos de reformulação na tentativa de esclarecer os mal-entendidos e, eventualmente, alcançar a (inter)compreensão em suas práticas

discursivas no contexto digital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conversação; mal-entendido; negociação; tuítes.

### THE MISUNDERSTANDING IN TWEETS: BRIEF REFLECTIONS

**ABSTRACT:** In this work, we set out to investigate the phenomenon of misunderstanding in interactions on the digital social network *Twitter*. To do so, we will verify the mechanism of organization of the discursive sequences in which the misunderstanding occurs, specify its causes, as well as describe the interactional processes that seek to resolve it. For the analysis, we selected conversational segments consisting of tweets. The tweets will be analyzed based on studies carried out in the fields of Conversation Analysis and Interactional Linguistics. In our analysis, we found that the segments exhibit the same structural pattern that is revealed in face-to-face conversations, that is, the misunderstanding manifests itself predominantly in the interval between the origin shift and the problem repair shift. As for the causes that trigger it, we observed that they involve semantic-lexical aspects. We also found that communicative partners tend to adopt reformulation procedures to clarify misunderstandings and, eventually, reach (inter) comprehension in their discursive practices in the digital context.

**KEYWORDS:** Conversation; misunderstanding; negotiation; tweets.

## 1 | INTRODUÇÃO

Sabendo-se que problemas de compreensão podem facilmente ocorrer tanto em conversações face a face quanto em interações digitais dialógicas, este trabalho volta-se, em termos abrangentes, ao estudo do mal-entendido linguístico.

Ainda, levando-se em conta que grande parte das pesquisas analisam tal fenômeno em conversações face a face e que, com a chegada das novas tecnologias de informação e comunicação, as práticas comunicativas do dia a dia passam a ocorrer, de modo intenso, no contexto digital, nossa intenção, neste trabalho, é focalizar especificamente a ocorrência do mal-entendido em conversações produzidas e veiculadas na rede social digital *Twitter*.

Metodologicamente, desenvolveremos o trabalho de acordo com os seguintes tópicos: aspectos fundamentais da conversação; reflexões sobre o mal-entendido; noções acerca do trabalho de face; e, por último, análise de tuítes.

Por último, é oportuno mencionar que as reflexões apresentadas neste trabalho correspondem a um pequeno recorte de nossa tese de doutorado intitulada “Um estudo do mal-entendido em interações na rede social digital *Twitter*”, situada na linha de pesquisa Procedimentos de constituição dos sentidos do discurso e do texto e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

## 2 | ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA CONVERSAÇÃO

Na tentativa de fundamentar teoricamente este trabalho, partimos do princípio de que a conversação não é uma atividade caótica, nem mecânica, mas um fenômeno situado e intencional, caracterizado principalmente pela sua sistematicidade (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003 [1974]), ou seja, organizado sequencialmente, de natureza regulada e passível de descrição e análise. Disso decorre um estudo fundamental sobre o **sistema de tomada e distribuição de turnos** como recurso metodológico central para a investigação, uma vez que “descreve a ordenação de regras observadas na organização da fala-em-interação sob o ponto de vista da alocação das oportunidades de falar” (FREITAS; MACHADO, 2008, p. 59).

Nesse direcionamento, podemos dizer que a conversa prevê uma operação de revezamento na qual os participantes se alternam nos papéis de falante e ouvinte, sendo que as formas de intervenção ou participação de cada interlocutor ocorre por meio de *turnos* de fala, cuja estrutura pode corresponder a sentenças, orações, locuções frasais, palavras isoladas ou mesmo recursos prosódicos.

Outra noção que está na base dos pressupostos desenvolvidos pelos analistas da conversa diz respeito à **sequencialidade**, cujo conceito está relacionado às ações constituídas pelo uso da linguagem em interação social, organizadas em sequências de elocuições produzidas por diferentes participantes (LODER et al., 2008), ou seja, quando uma pessoa fala, ela não o faz de modo desordenado, mas sempre levando em conta o que

o outro disse anteriormente.

Um terceiro aspecto apresentado por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]), em artigo publicado na revista *Language*, diz respeito à **organização do sistema de reparo**, tido como um mecanismo existente para lidar com erros e violações (infrações conversacionais), que se operam na organização e distribuição dos turnos de fala.

É oportuno mencionar ainda que, em estudo posterior, os estudiosos (1977) examinaram mais detidamente o sistema de reparo, apresentando-o como um conjunto de práticas destinadas a resolver problemas de *produção*, *escuta* e *entendimento*, apontados pelos participantes ao longo da interação, ou seja, é provável que, durante a conversação, um participante possa não ouvir bem o que seu parceiro comunicativo acabou de dizer (problema de escuta), ou possa se enganar ao dizer alguma palavra (problema de produção) ou ainda não interpretar adequadamente aquilo que o outro disse (problema de entendimento); todos esses problemas podem dificultar o andamento da interação, ou melhor, pôr em risco a intersubjetividade da fala-em-interação, levando os interlocutores a suspender o curso de suas ações para tentar resolvê-los.

Ademais, convém registrar que Schegloff (1992), dando continuidade ao estudo da organização do sistema de reparo, descreveu uma prática denominada “reparo em terceira posição”, constituído de uma sequência de ações em três posições: no primeiro turno (T1), o falante produz a sua elocução. No turno seguinte (T2), o interlocutor produz um enunciado. Por meio do que é transmitido em (T2), o falante de (T1) percebe que a interpretação do interlocutor em (T2) é problemática. Assim, no terceiro turno (T3), o falante refaz o seu turno inicial, a fim de que o problema seja resolvido.

Como se percebe, os trabalhos realizados em Análise da Conversação trazem importantes contribuições ao estudo do mal-entendido, no que diz respeito, principalmente, à investigação da dinâmica organizacional das sequências em que o fenômeno ocorre, é sinalizado e, conseqüentemente, resolvido. Sob essa perspectiva, merecem também a nossa atenção as contribuições da Linguística Interacional, visto que essas duas correntes teóricas mantêm o mesmo material investigativo (dados empíricos em situações reais, por exemplo, as conversas), como também procedimentos metodológicos similares, permitindo que:

[...] categorias e estruturas linguísticas, por meio das quais a interação se realiza, sejam efetivamente analisadas, definidas e redefinidas a partir da linguagem em uso nas situações comuns e recorrentes da vida dos falantes de uma língua” (HILGERT, 2013, p. 75).

### 3 | REFLEXÕES SOBRE O MAL-ENTENDIDO

Sem a pretensão de desenvolver uma reflexão profunda sobre o conceito de mal-entendido, em razão da extensão limitada deste trabalho, podemos começar dizendo que, de acordo com Weigand (1999), o mal-entendido se caracteriza como uma “forma de

entendimento parcial ou totalmente divergente do que o enunciador tencionou comunicar e que poderá ser corrigida normalmente no desenvolvimento do jogo de ação dialógica”. Em outras palavras, “é toda e qualquer forma de compreensão total ou parcialmente desviante, manifesta por um interlocutor, em relação à expectativa de compreensão do outro” (HILGERT, 2005, p. 141).

Weigand (1999, p. 769) permite caracterizar, em particular, esse tipo de ocorrência como *standard case*<sup>1</sup> entre os problemas de compreensão, o qual apresenta predominantemente a seguinte estrutura conversacional, principalmente, em situações de interação face a face: turno 1 – o falante (A) formula seu enunciado; turno 2 – o ouvinte (B) constrói uma interpretação equivocada; turno 3 – o falante (A) denuncia o mal-entendido, ao afirmar que a resposta de (B) não está de acordo com que ele (A) tencionou comunicar, refazendo seu turno da primeira posição para que o equívoco de compreensão seja resolvido, a fim de que a sequência interacional possa prosseguir.

Nessa direção, Hilgert (2003, p. 230-231) nos apresenta a dimensão mais recorrente do padrão estruturador do monitoramento dos mal-entendidos e define os elementos que estruturam essas sequências conversacionais, conforme segue: (i) denomina-se *enunciado de referência* o primeiro turno (T1), no qual o falante formula o seu enunciado; (ii) o enunciado *revelador do problema de compreensão* é o turno, em geral, no qual se manifesta o *mal-entendido*. Nesse turno, o enunciador normalmente sinaliza o desvio de compreensão e procura reformular o enunciado de referência, a fim de que a interação possa prosseguir; (iii) finalmente, por *resposta*, identifica-se o enunciado que dá o monitoramento por encerrado e, conseqüentemente, o mal-entendido como resolvido. Para tanto, torna-se preciso que as dificuldades sejam identificadas e atribuídas a possíveis causas.

Dentre as causas mais comuns que dão origem aos mal-entendidos, Bazzanella e Damiano (1999, p. 818-819) apresentam-nas em relação a duas dimensões: (i) o *nível* em que esse fenômeno pode ocorrer (fonético; sintático; lexical; semântico e pragmático); (ii) os *fatores* que o desencadeiam, denominados pelas autoras de “gatilhos” (Ibid., p. 821), tais como: “estruturais” (distúrbios junto ao canal comunicativo; ambiguidades lexicais ou sintáticas, similaridades entre elementos do código linguístico, distúrbios causados pelo uso de uma língua estrangeira); relacionados ao “falante” (problemas quanto à prosódia, atos de fala indiretos, indeterminação, anacoluto, entre outros); relacionados ao “ouvinte” (lacunas no conhecimento enciclopédico, construção de falsas inferências, etc.) e/ou relacionados à “interação entre os interlocutores” (diferenças culturais, diferenças entre os estilos comunicativos, conhecimentos não compartilhados; tópico de organização, entre outros).

---

<sup>1</sup> Weigand (1999, p. 768) permite caracterizar, em particular, o mal-entendido como “standard case”, traduzido por Dascal (2006, p. 315) como “exemplo-padrão” e apresentado, por Hilgert (2005, p. 141), como “caso standard”. Sugerimos a expressão “caso estereotípico”. Ainda, importa mencionar que nosso interesse recai sobre os estereotípicos, pelo fato de que são revelados na superfície linguística e, de alguma forma, podem ser gerenciados e interacionalmente resolvidos.

Convém enfatizar que – seja por razões socioculturais, seja por motivos inerentes às condições de produção – o mal-entendido só se revela somente quando, no decurso da interação, o enunciador denuncia, por meio de intervenção explícita, que a interpretação do ouvinte é divergente daquela esperada por ele (falante). E por reconhecer que o desdobramento da ação comunicativa está sujeito a toda ordem de turbulências de interpretação e compreensão (SCHEGLOFF, JEFFERSON, SACKS, 1977), o falante adota estratégias preventivas linguístico-discursivas destinadas a resolver o problema evidenciado, procurando dar prosseguimento à interação.

Quanto aos procedimentos de monitoramento do mal-entendido linguístico, daremos ênfase às intervenções metaformativas que, segundo Koch (2009), são aquelas por meio das quais o enunciador procede a reformulações, com o intuito de sanar algum equívoco interpretativo, por exemplo, as correções, repetições saneadoras e as paráfrases.

Resumidamente, podemos dizer que a *paráfrase* retoma, com outras palavras, em maior ou menor grau, o sentido de um enunciado anterior (matriz). Significa, portanto, a produção de um segmento linguístico, “que possui relação de equivalência semântica” (HILGERT, 2015, p. 258) em relação ao outro enunciado, tendo em vista assegurar a intercompreensão. Já a *repetição*, de acordo com Marcuschi (2015), consiste na produção de segmentos linguísticos duas ou mais vezes, no âmbito de um mesmo evento comunicativo, motivados pelos mais diversos fatores, seja de ordem cognitiva, textual, sintática ou interacional. Ainda, para o autor, a repetição, no plano da compreensão, fortalece a intensificação e o esclarecimento. Quanto à *correção*, podemos dizer que está relacionada à produção de um enunciado linguístico que reformula um anterior, considerado errado aos olhos de um dos interlocutores. “A correção é, assim, um claro processo de reformulação retrospectiva” (FÁVERO et al., 2015, p. 243) e decorre da necessidade de o locutor solucionar dificuldades de interpretação no segmento anteriormente produzido.

Neste ponto, cabe indicar, ainda, que este trabalho procura, numa linha conceitual complementar, uma interface entre o estudo do mal-entendido e a teoria da cortesia verbal, no que se refere, principalmente, à atividade de imagem ou trabalho de face (*face work*).

É deste assunto que trataremos a seguir.

## 4 | NOÇÕES ACERCA DO TRABALHO DE FACE

Dentre as várias teorias de cortesia verbal, interessa-nos, em particular, os trabalhos de referência de Brown e Levinson (1987 [1978]), que nos parecem contribuir de forma mais relevante para este estudo, no que diz respeito, principalmente, ao trabalho de face (*face work*).

Inspirados na noção de face, proposta por Goffman (1967), cujo termo pode ser definido como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si [...], delimitada em termos de atributos sociais aprovados”, Brown e Levinson (1987) partem do

princípio de que todos os membros da sociedade possuem uma face, isto é, uma imagem que procura defender e ver preservada nas interações, constituída de dois polos: *positivo* e *negativo*.

Entende-se por *face positiva* a imagem que o indivíduo deseja para si na interação com os outros; representa o desejo de aprovação, apreciação e reconhecimento individual. Já a *face negativa* constitui-se de elementos que promovem e mantêm a autonomia do indivíduo em seu âmbito de ação; é relativa à autopreservação, desejo de não imposição ou reserva de território pessoal, liberdade de ação e de imposições.

Numa interação comunicativa, essas faces podem ser mantidas ou valorizadas ou podem ser também ameaçadas. Para os autores (1987), a maioria dos atos de linguagem que são produzidos nas conversas cotidianas são potencialmente “ameaçadores” para uma das faces e, por conseguinte, podem pôr em perigo a imagem pública dos interlocutores, criando um sério risco para o bom desenvolvimento da interação. Tais atos são chamados de *Face Threatening Acts*, doravante FTAs, Atos de Ameaça à Face. Por exemplo, as críticas, as acusações, os insultos, interrupções e refutações *ameaçam* a face positiva do indivíduo, enquanto as ordens, os pedidos, os conselhos *ameaçam* a sua face negativa.

Goffman (1967, p. 12), por meio do trabalho de face ou atividade de imagem (*face work*), afirma que todo indivíduo pode “neutralizar ‘incidentes’, ou seja, eventos cujas implicações simbólicas efetivamente ameacem a imagem”. Brown e Levinson reforçam essa concepção ao dizerem que o locutor procura suavizar essa ameaça com a *cortesia*, selecionando alguma estratégia de conduta, como as formulações indiretas de uma crítica, que permitem atenuar a ameaça à imagem do interlocutor.

Consideramos que, no monitoramento do mal-entendido, o falante pode *ameaçar* a sua face positiva quando reconhece que seu enunciado foi mal elaborado e pede desculpa a seu interlocutor, reformulando-o. Por meio desse procedimento *cortês* de acusar o mal-entendido, o falante promove a *defesa* da face positiva do ouvinte. Por outro lado, o pedido de desculpa acaba *beneficiando* a sua imagem, pois, ao admitir seus próprios erros, o falante está realizando um comportamento que é aprovado socialmente.

No âmbito das interações no *Twitter*, partimos do pressuposto que, no trabalho de imagem realizados nas ações de denúncia e encaminhamento da solução do mal-entendido, podem aparecer tanto comportamentos corteses (em geral, politicamente corretos) quanto enunciados formulados de maneira agressiva, grosseira e brutal. A nosso ver, tais reações impolidas variam segundo a importância que os usuários da rede atribuem à natureza da “relação” estabelecida com seu parceiro de interação (distância/hierarquia), à separação espaço-temporal, ditada pelo contexto comunicativo e, por fim, à preocupação de enaltecer ou, pelo menos, manter a sua própria imagem em detrimento da imagem do outro.

## 5 | ANÁLISE DE TUÍTES

A nosso ver, o *Twitter* constitui-se em um ambiente na internet, que permite aos usuários postar mensagens e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos relativamente curtos. Em 2017, essa rede social estendeu seu clássico limite de 140 caracteres por mensagem para 280 caracteres, com o intuito de levar as pessoas à melhor compreensão das mensagens. Além da mensagem com até 280 caracteres, os usuários também podem postar foto ou GIF (*Graphic Interchange Format*, que se pode traduzir como formato para intercâmbio de gráficos), isto é, pequenas animações ou imagens em cores compactadas em um só arquivo. Esses textos são conhecidos como tuítes

Consideramos ainda que o *Twitter* se apresenta como uma importante plataforma de informação, que permite divulgar notícias em tempo real a milhares de pessoas conectadas no mundo, bem como estabelecer uma aproximação entre perfis públicos, de diversas esferas de atuação, e seus seguidores. Essa rede social possibilita conhecer as opiniões e tomada de posições de seus participantes e torna-se, aliás, mais atraente aos usuários, por oferecer um maior número de recursos e possibilidades de interação.

Nesse sentido, a escolha dessa rede social se justifica, uma vez que o *Twitter*, além de se tratar de um ambiente interativo virtual, em que há o compartilhamento de ideias e pontos de vista, tende a favorecer, na dinâmica social da rede, momentos que solicitam dos participantes um esforço na negociação de conflitos e no estabelecimento de algum nível de harmonia em suas conversações digitais.

Ademais, é oportuno dizer que, com as inovações trazidas pelas tecnologias de informação e comunicação, a constituição da escrita modificou-se, ao incorporar elementos paralinguísticos e componentes semióticos, em um ambiente no qual as pessoas se inter-relacionam virtualmente. No *Twitter*, é bastante comum a utilização de uma linguagem informal, de redução de palavras (para de *chuta* em vez de *chutar*), de abreviações que evocam o som (*vc*, *q*, *blz*), como também de *emoticons* (*emotion*: emoção + *icon*: ícone), isto é, recursos que exploram, no contexto digital, variadas emoções ou procuram transmitir o estado psicológico dos sujeitos. Pressupomos que tais marcas nos revelam que os usuários desejam interagir na rede e, para tanto, veem-se compelidos a “escrever” suas mensagens, bem como precisam investir toda a sua criatividade, por meio do acionamento de determinados recursos linguístico-discursivos, no sentido de também atribuir marcas de oralidade ao texto escrito – provenientes de experiências adquiridas como falantes nas diversas situações de interação face a face.

Mediante tais considerações, sentimo-nos autorizados a analisar a interação por meio de tuítes como uma “conversa” (instalação do simulacro de comunicação face a face; alternância de turnos e sequencialidade; vocabulários e expressões próprias da fala; convenções gráficas que simulam efeitos de sentido da oralidade, entre outros) e, por conseguinte, a assumir as categorias teóricas da análise linguística da conversação na



orientação deste estudo.

Ainda, convém mencionar que para Leite et al. (2010) e Barros (2015), quando o estudo se refere às conversações publicadas e veiculadas na internet, há, frequentemente, a necessidade de abordar as especificidades tanto da fala (interatividade intensa) quanto da escrita (longa conservação de seus conteúdos e grande extensão de seu alcance), bem como a complexidade das relações que se estabelecem entre essas duas modalidades de uso da língua, que descartam a divisão dicotômica entre elas e propõem a ideia de *continuum*.

Nessa direção, selecionamos para a análise tuítes publicados por sujeitos participantes de diversas esferas de atividade, os quais produzem práticas sócio-discursivas características do campo de atividade humana em que estão inseridos, bem como peculiares do contexto em que emerge a produção escrita dessas mensagens.

Passemos, então, à análise dos dados à luz das contribuições teóricas e decisões metodológicas relacionadas até aqui. Informamos ainda que, por uma questão de legibilidade, o turno em que o mal-entendido ocorre será destacado em negrito nos dois segmentos analisados<sup>2</sup>.

### **Segmento Conversacional (I)**

**Usuário A:** “Tem formação multisetorial e possui visão holística dos problemas. Vai surpreender mas poderá ser pouco compreendido porque não fala uma linguagem comum [link: OGloboPolítica: Astronauta Marcos Pontes (@Astro\_Pontes) confirma que será ministro de Ciência e Tecnologia <https://glo.bo/2F0bWzM>]. 30/10/2018, 8h58. Tuíte.

**Usuário B:** “**Particularmente, prefiro um discurso técnico a um discurso político. Quando os resultados começarem a aparecer, todos compreenderão.**” 31/10/2018, 9h14. Tuíte.

**Usuário A:** “A ‘arte da política é conversar e convencer’. Um argumento técnico muitas vezes não é compreendido por muitas pessoas e então gera uma dificuldade no entendimento e na aceitação. Eu me referi a isso.” 31/10/2018, 9h22. Tuíte.

**Usuário B:** “Com certeza.” 31/10/2018, 9h27. Tuíte.

Nesta interação (SC-I), verificamos que o usuário [A], em seu tuíte, faz alusão à formação do astronauta Marcos Pontes, que seria indicado à pasta do Ministério de Ciência e Tecnologia, caso o candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro, vencesse as eleições de 2018 (fato ocorrido), no Brasil. O usuário [A] afirma que, em razão do astronauta não falar uma linguagem acessível à população, ele poderia ser pouco

---

2 Importa mencionar que para a análise de segmentos conversacionais, utilizamos, por uma “questão de legibilidade”, o modelo de citação de tuítes proposto pela *Modern Language Association* (MLA), que contém informações na seguinte ordem: Último nome, primeiro nome (nome de usuário). “Tuíte por completo”. Data, horário. Tuíte. Convém ressaltar que o nome dos participantes foi substituído pelo termo Usuário, seguido por letras maiúsculas, em ordem alfabética (Usuário A, Usuário B etc.), a fim de resguardar-lhes as identidades. Informamos que a ausência dos dados pessoais não constitui obstáculo para o desenvolvimento de nossas análises.

compreendido. O usuário [B] **aceita** o enunciado de [A], indicando, em segunda posição, a sua preferência por um discurso técnico a um discurso político e pontuando ainda que o “futuro” ministro seria compreendido, à medida que os resultados de sua atuação política fossem aparecendo. Em terceira posição, notamos que o usuário [A] produz uma atividade reformulativa parafrástica, ao explicar que a referência feita à fala do ministro, no primeiro turno, não dizia respeito ao alcance de resultados, mas ao fato de que era necessário estabelecer o diálogo entre a classe política e a população, como também a persuasão e, frequentemente, isso não é alcançado por meio de argumentos técnicos, ocasionando dificuldade no entendimento e na aceitação. A declaração “*Eu me referi a isso*” confirma o fato de que a interpretação realizada pelo interlocutor [B] não correspondeu às expectativas do usuário [A]. Observamos que, em quarta posição, o usuário [B] encerra a sequência interacional centrada no monitoramento do mal-entendido, ao sancionar o enunciado reformulador (“*Com certeza*”), fato que contribuiu para valorização da face positiva de [A].

### **Segmento Conversacional (II)**

**Usuário A:** “Bom fazer aniversário dps do povo pq serei recíproca em tudo agr.” 30/08/2021, 15h10. Tuíte.

**Usuário B:** “Ui kkkkk calma ae, q o presente do grupinho vai chegar” 30/08/2021, 16h43. Tuíte.

**Usuário A:** “Aí amg, não me referi a isso viu? inclusive avisei a ianka q não queria nada. Amo vocês igual ♡” 30/08/2021, 16h57. Tuíte.

**Usuário B:** “Sei amiga kkkkk mas é uma alerta! Nenhuma ficou em branco, não era vc q ficaria agora né, rum ♡” 30/08/2021, 16h58. Tuíte.

Neste fragmento, observamos que [A] produz o enunciado de referência afirmando que será recíproca em tudo a partir da data de seu aniversário. O uso da expressão “recíproca em tudo” tem sentido vago, incompleto, e, assim, parece autorizar o usuário [B], por inferência, a pressupor, particularmente, que [A] esteja se referindo ao fato dela não ter ganhado um presente do grupo de amigas na comemoração de seu aniversário. Assim, o usuário [B] produz, no segundo turno, um enunciado, no qual pede calma a [A] e, em seguida, comenta acerca do presente que seria enviado a ela pelas amigas. Como se percebe, a falta de clareza na elocução de [A] leva seu interlocutor a ativar, erroneamente, o referente mais relevante do seu ponto de vista. [A] denuncia, então, o mal-entendido, ao esclarecer que não estava se referindo a isso, visto que já havia informado alguém (*lanka*) que não se preocupasse em lhe dar uma lembrança e que, inclusive, não deixaria de amar suas amigas por essa razão. Como vimos, a interpretação de [B] diverge do “conjunto de possíveis respostas” à elocução de [A]. Em seguida, [B] diz que a entende (*Sei amiga kkkkk*), no entanto faz questão de alertá-la quanto ao fato de que o presente seria enviado, já que todas as amigas eram agraciadas em tais ocasiões (informação assumida como compartilhada entre [A] e [B] no desdobramento interacional). Os *emoticons* [♡] são

utilizados, ao final dos enunciados, no sentido de expressar a relação de amor e amizade entre [A] e [B]. Ademais, verificamos que o uso repetido de formas onomatopaicas (*kkkkk*) representa o riso, particularmente irônico, que a ocorrência causa. Notamos, inclusive, que, apesar do mal-entendido ter sido detectado imediatamente, o real motivo do desagrado de [A] não foi revelado – pelo menos, de maneira ostensiva.

Quanto ao ciclo de negociação do mal-entendido, observamos que os exemplos apresentam a seguinte estrutura: em *primeira posição*, temos o enunciado de referência, que corresponde à proposição inicial do falante. Em *segunda posição*, encontra-se, normalmente, o enunciado revelador do problema, no qual se manifesta o mal-entendido. Na *terceira posição*, identifica-se o enunciado sinalizador (que aponta o problema) e/ou enunciado reformulador (que tenta resolver o problema) e, de modo geral, em *quarta posição*, temos o enunciado-resposta, em que o ouvinte, na fase de negociação da produção de sentido, aceita o turno de reparo.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas permitiram verificar que o ciclo de negociação do mal-entendido no *Twitter* ocorre na forma como ele normalmente se revela na conversação face a face, ou seja, os exemplos investigados apresentam regularidades na estruturação dos segmentos conversacionais, com denúncia e encaminhamento da solução do problema em terceira posição e, conseqüentemente, a sua inscrição na segunda. Há que se destacar que os segmentos analisados trazem uma quarta posição, em que o interlocutor aceita o turno de reparo (é claro que, em sentido estrito, ela é dispensável nessa estrutura).

Quanto às causas, observamos que *imprecisões de sentido de um termo ou expressão no enunciado de referência* são os fatores mais recorrentes. No que respeita aos procedimentos que desfazem os mal-entendidos, averiguamos que os interlocutores se utilizam, de modo geral, dos procedimentos reformulativos, principalmente, de *segmentos parafrásticos* com o objetivo de explicitar ou delimitar de forma mais precisa informações contidas no enunciado de referência, com a intenção de torná-lo mais claro para o interlocutor.

Por último, notamos que os usuários, ao sinalizarem o mal-entendido, produzem certos efeitos de descortesia, uma vez que tal denúncia é realizada por meio de enunciados diretos como: “*Eu me referi a isso*”; “*não me referi a isso viu?*”. Entretanto, ao produzir a reformulação do enunciado que gerou o problema, o usuário manifesta implicitamente o interesse por seu interlocutor, fato que leva o destinatário, no enunciado-resposta, a reconhecer o erro interpretativo. Desse modo, podemos dizer que os segmentos conversacionais ora são marcadamente polêmicos, ora se mostram mais claramente cooperativos, dando às interações o equilíbrio necessário à vida em sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Débora Cristina Longo. **Um estudo do mal-entendido na rede social digital Twitter**. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A complexidade discursiva na internet. **CASA** (Unesp), v.13, n. 2, 2015, p. 13-31.

BAZZANELLA, Carla; DAMIANO, Rossana. The interactional handling of misunderstanding in everyday conversations. **Journal of Pragmatics**, 1999, n. 31, issue 6, p. 817-836.

BROWN Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987 [1978].

DASCAL, Marcelo. **Interpretação e compreensão**. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO, Zilda G.O. Correção. In: JUBRAN, Célia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 241-256.

FREITAS, Ana Luiza Pires de; MACHADO, Zenir Flores. Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação. In: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (orgs.). **Fala-em-Interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**, 1. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2008, p. 59-94.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays on face to face behavior**. New York: Garden City, 1967.

HILGERT, José Gaston. O monitoramento dos problemas de compreensão na construção do texto falado. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, São Paulo, v. 44, 2003, p. 223-238.

\_\_\_\_\_. Entendendo os mal-entendidos em diálogos. In: PRETI, Dino (org.). **Diálogos na fala e na escrita**, v. 7, Projetos Paralelos – NURC/SP São Paulo: Humanitas, 2005, p.119-153.

\_\_\_\_\_. Procedimentos profiláticos na construção do sentido e da compreensão na conversa. In: PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Comunicação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 71-91.

\_\_\_\_\_. Parfraseamento. In: JUBRAN, Célia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015, p.257-278.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LEITE, Marli Quadros; BARROS, Diana Luz Pessoa de; DIAS, Ana Rosa Ferreira; SILVA, Luiz Antônio da. A Análise da Conversação no Grupo de Trabalho Linguística do Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panoramas das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 49-87.

LODER, Letícia Ludwig; SALIMEN, Paola Guimaraens; MÜLLER, Marden. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. In: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (orgs.). **Fala-em-Interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**, 1. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2008, p. 39-58.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Célia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 207-240.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. Trad. de Adriana Maria Soares da Cunha et al. **Veredas**, v. 7, n.1-2, jan./dez. 2003 [1974], p. 9-73.

SCHEGLOFF, Emanuel A. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation. **American Journal of Sociology**, v. 97, n. 5, p. 1295-1345, 1992.

\_\_\_\_\_; JEFFERSON, Gail; SACKS, Harvey. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. **Language**, n. 53, p. 361-382, 1977.

WEIGAND, Edda. Misunderstanding: the standard case. **Journal of Pragmatics**, v. 31, n. 6, 1999, p. 763-785.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arquétipos conceptuais 12, 13, 20, 21

### E

Escrita 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 31, 32, 35, 38, 43

Exílio 1, 2, 3, 7, 11

### G

Gramática 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 23, 24, 51, 61

### I

Iconicidade 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 46, 47, 48, 49, 50

Imaginário 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10

### L

Libras 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62

Linguística 14, 20, 22, 25, 27, 28, 31, 35, 40, 51, 56, 57, 61, 62, 63

Literatura 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 44, 63

### S

Signos multimodais 37, 42

### T

Termos oracionais 12, 24

Tuítes 25, 26, 31, 32

### V

Variações linguísticas 51, 52, 55, 56, 60, 61

# REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)


 @atenaeditora


 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

